

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

A herança de *Adeus ao Trabalho?* no século XXI

Um Depoimento Pessoal

Simone Wolff

Como ex-orientanda de Ricardo Antunes, é uma honra falar sobre este livro, não só pelo o que ele representa no estado da arte dos estudos do trabalho no Brasil, mas, obviamente, pela importância que ele teve na minha formação e para a formação da minha geração. Falar sobre este livro, portanto, me emociona muito devido às recordações, inclusive afetivas, que ele me traz sobre a minha trajetória intelectual e acadêmica. Assim, para evitar constrangimentos com a comoção que esta retrospectiva certamente me causaria, achei melhor escrever do que fazer um livre depoimento.

Falar de “*Adeus ao Trabalho?*”, uma das obras mais emblemáticas de Ricardo Antunes, remete à história da sociologia do trabalho no Brasil e América Latina nas últimas duas décadas. Lançada pela primeira vez em 1995 pela Ed. Cortez, e estando na sua 16ª edição, tornou-se um clássico da sociologia do trabalho brasileira contemporânea, tendo sido publicada também na Argentina, Colômbia, Espanha e Itália.

Há mais de 20 anos vem influenciando fortemente a formação em pesquisas preocupadas com a temática do trabalho não só na Sociologia, mas nas diversas áreas em que esta temática tem relevância, tais como Serviço Social, Ciência Política,

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

História, Geografia, Direito, Administração, Economia, Psicologia, Saúde Coletiva, Medicina do Trabalho. Sua transversalidade entre diferentes áreas do conhecimento permitiu construir pontes preciosas no sentido de pensar o trabalho em suas várias perspectivas e abriu diálogos inestimáveis para a sua compreensão totalizante, fundamental para a compreensão de um objeto multifacetado. Este Seminário do Trabalho, que sempre contou com a presença de colegas de diversas áreas, é uma prova disso.

O que fez deste livro um marco da Sociologia do Trabalho contemporânea no Brasil foi a originalidade das questões, debates e temas que ele trouxe a respeito das metamorfoses que o mundo do trabalho começava a enfrentar sob a então chamada “nova ordem mundial”, que na mídia e na cultura empresarial ficou conhecida como globalização da economia e no meio acadêmico como neoliberalismo. Era um contexto em que paradigmas, tanto teóricos como relativos às relações concretas entre capital e trabalho, ruíam com a entrada do capitalismo em uma nova fase de internacionalização e liberalização econômica em resposta à crise do modelo fordista de acumulação, quando novos dilemas eram colocados à classe trabalhadora e suas representações coletivas.

As reflexões sobre as consequências destas transformações, não só para a categoria trabalho, mas para as teorias sociais disponíveis para a sua análise, ainda estavam em estágio seminal, não só no país como na literatura internacional. Tanto o neoliberalismo como os seus efeitos sobre as relações e mercado de trabalho ainda estavam sendo equacionados e conceitos como reestruturação produtiva, Toyotismo, terceirização, novo sindicalismo, acumulação flexível, nova informalidade e precarização do trabalho em fase de lapidação. Neste sentido, Adeus ao trabalho? representou uma contribuição medular para a construção, refinamento e consenso em torno destes conceitos, que hoje compõem o léxico obrigatório dos estudos do trabalho.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Em especial, trouxe para o debate temas até então em segundo plano à perspectiva da luta de classes, tal como a sua articulação com as questões de gênero, raça e identidades, abrindo possibilidade para a renovação do marxismo e atestando, assim, a sua fecundidade para responder aos novos desafios teóricos abertos pela complexificação da classe trabalhadora sob o capitalismo em sua faceta neoliberal.

Adeus ao trabalho? teve um papel particularmente crucial por propor um programa teórico original e de grande envergadura, sintonizado com as novas características do capitalismo contemporâneo. Um programa que rompia com o paradigma da Sociedade Pós-Industrial, então dominante não só nos estudos do trabalho, mas nas principais teorias sociais que emergiram do pós-Maio de 1968, e cujo principal expoente na época era Habermas.

Este contexto paradigmático havia dado as costas à economia política, que marcou as origens da sociologia e, com isto, deslocado o eixo da desigualdade econômica, que tinha no trabalho a categoria central, em favor da diversidade cultural, consubstanciando-se na hegemonia das correntes pós-modernas e no sistemático adeus ao trabalho, que ainda vigorava fortemente na década de 1990. Como resultado, o capitalismo deixou de ser pautado e o foco de análise voltou-se para o indivíduo e suas interações fora da esfera da produção, separando analiticamente, como se por esta mágica também fosse possível separar na prática, o mundo da vida do mundo do trabalho.

O novo foco teve por consequência o paulatino desaparecimento da problematização do capital nas análises sociológicas, o que se mostrou bastante conveniente ao ideário neoliberal nascente. A ausência de um ferramental analítico amparado nas relações de produção esmaeceu a capacidade das teorias sociais questionarem os efeitos deste novo capitalismo no cotidiano daqueles que viriam a sentir os seus efeitos imediatos mais deletérios, ou seja, a classe trabalhadora. Sem esta crítica, a academia abriu o flanco para que o capital ficasse à vontade para

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

concretizar uma nova onda de precarização do trabalho que só encontra precedentes no período anterior à Primeira Revolução Industrial.

Através do debate com Habermas à luz da ontologia do trabalho de Lukács, discussão que traz no último capítulo do livro, Antunes estruturou uma crítica consistente às teses do adeus ao trabalho, inaugurando uma nova agenda aos estudos do trabalho no Brasil. Marcadamente em oposição às teses do pós-industrialismo, esta agenda foi aberta a partir do resgate da centralidade do trabalho e do vigor do método de Marx para reafirmá-la como categoria fundante do ser social. Ao invés do fim do trabalho, havia fetiche, alienação e ideologia, conceitos essenciais para entender as mediações que levavam ao estranhamento do trabalho, a ponto de se negá-lo na teoria. Ao invés de sociedade pós-industrial, da informação, de serviços, desvelava-se um capitalismo que fazia avançar a lógica da industrialização para a esfera da circulação e das finanças, ampliando, quantitativa e qualitativamente, a dimensão do proletariado.

A vértebra metodológica erigida em Adeus ao trabalho? renovou, portanto, não apenas os estudos do trabalho, mas remarcou a pertinência do trabalho enquanto categoria-chave para as análises sociológicas, tonificando a crítica marxista como um contraponto indispensável para confrontar a hegemonia do paradigma hegemônico pós-moderno. O sucesso do livro, desde o seu lançamento, reitera a pertinência desta agenda que absorveu demandas reprimidas de pesquisas críticas ao paradigma dominante, assim como carentes de um aparato teórico que, assim fazendo, pudesse colocar em questão esse novo mundo do trabalho afinando-o à nova fase de acumulação do capital, assinalada pela flexibilização, internacionalização e fragmentação da produção.

Neste sentido, Adeus ao trabalho? plantou todas as pautas que viriam a ser amplamente desenvolvidas nos próximos 20 anos sobre a temática do trabalho no Brasil, que se somava à uma literatura internacional de ponta no campo do marxismo,

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

mas não só, e que revigorou a sociologia do trabalho brasileira contribuindo significativamente para a sua internacionalização.

Todos os tópicos que norteariam os temas dos estudos do trabalho no país e no mundo até os dias atuais já se encontravam lá, assim como a vitalidade do marxismo como método de análise para compreendê-los:

- ✓ a crise do fordismo e os novos processos de produção e inovações organizacionais oriundos da revolução informacional, que viriam a ser conhecidos como Toyotismo;
- ✓ as configurações e reconfigurações do trabalho e das organizações dos trabalhadores no mundo globalizado;
- ✓ a desregulação do trabalho e as formas flexíveis de contratação;
- ✓ o sentido do trabalho e das crises que repercutem diretamente sobre a classe trabalhadora;
- ✓ as alterações no mercado de trabalho e das estruturas dos empregos em dimensões globais, nacionais e/ou regionais;
- ✓ A precarização do trabalho trazida pelo cenário acima.

As inúmeras orientações de mestrado e doutorado inscritas no delineamento metodológico traçado neste livro, e as várias gerações de pesquisadores e pesquisadoras que este vem formando no decurso destes anos, muito/as dele/as hoje inseridos em grandes centros de pesquisas, inclusive no circuito internacional, reiteram o caráter paradigmático desta obra.

Destaque-se, aqui, a presença neste Seminário de boa parte da primeira geração de sociólogo/as filiada ao programa de pesquisa aberto em Adeus ao trabalho?, da qual eu faço parte, e que vem multiplicando-o nas suas orientações e

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

grupos de pesquisa e frutificando-o com novas questões, críticas, problemas e objetos ao longo destas duas últimas décadas.

Para sublinhar a importância que esta obra ainda guarda para os estudos do trabalho na atualidade, eu poderia citar as inúmeras contribuições que as pesquisas tributárias deste referencial teórico têm dado. Igualmente, destacar as tantas descobertas conceituais feitas a partir das teses ali apresentadas e posteriormente desenvolvidas e consolidadas em outros livros de igual pujança, tais como *Os sentidos do trabalho* (1999), *A desertificação neoliberal no Brasil* (2004), *O caracol e sua concha* (2005), *O continente do labor* (2011) e, ainda no forno, *O privilégio da servidão* (2018), que versa sobre o tema candente do novo proletariado de serviços na era digital. Poderia, também, lembrar as compilações das pesquisas empíricas realizadas sob a sua orientação, organizadas nos três volumes de *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil* (2006, 2013, 2014), que, a partir da operacionalização dessas concepções, trouxeram à luz as consequências concretas da precarização do mundo do trabalho acarretada pela reestruturação produtiva neoliberal. Ou, ainda, ressaltar a robusta produção de conhecimento que emergiu do projeto iniciado em *Adeus ao trabalho?*, e que hoje reverbera não só na academia, mas no campo institucional, orientando a formulação e avaliação de políticas públicas voltadas ao trabalho. Um conhecimento que evidencia o mérito de suas questões para subsidiar a disputa de práticas concretas referidas à manutenção de direitos trabalhistas árdua e historicamente conquistados, bem como a sua ampliação para as novas categorias de trabalho e formas de assalariamento engendradas pelo neoliberalismo.

Mas, para não chover no molhado, e me inspirando no mestre, escolhi ser dialética. Ou seja, partir de um caso concreto e particular, a minha trajetória acadêmica, para destacar a relevância desta obra para a formação em pesquisa sobre o mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo. Confesso que também porque

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

seria impossível fazer qualquer uma das sínteses acima dentro dos limites de tempo que eu me foi dado.

Comecei a minha graduação em Ciências Sociais no início da década de 1990, quando as políticas neoliberais ainda estavam começando a serem projetadas no país. O uso dos microcomputadores estava se disseminando rapidamente no país e afetando visivelmente o nosso cotidiano de trabalho. Assim, eu achei que os efeitos deste fenômeno em perspectiva sociológica seria um interessante tema de pesquisa para o meu TCC, que comecei a desenvolver nos idos de 1994.

Dentro dos limites de tempo e propósitos de formação de uma pesquisa de graduação, eu e minha orientadora pensamos que o mais viável seria fazer uma sistematização da produção bibliográfica publicada no Brasil sobre o assunto. Lembro que naquele tempo não havia Google, então uma pesquisa bibliográfica era bem mais morosa, e por isso mais valiosa, do que hoje em dia. Na época, a literatura a respeito ainda era bastante escassa e quase restrita às áreas técnicas da computação e da administração de empresas. Quanto mais eu pesquisava, mais eu me angustiava com a falta de uma bibliografia de orientação sociológica capaz de me proporcionar uma narrativa mais atualizada para os textos que eu havia levantado. As poucas que eu havia conseguido datavam do final da década de 1980, quando as discussões giravam mais em torno das potencialidades, otimistas ou pessimistas, das mudanças acarretadas por uma nova onda de automação, agora flexível, do que sobre os seus efeitos concretos na produção. O atraso do Brasil para se inserir nesta nova onda explicava essa dificuldade. As poucas bibliografias sociológicas referidas a essa temática eram, em sua grande maioria, traduções de autores estrangeiros renomados na área do trabalho brasileira, tais como Gorz, Offe, Coriat, Lojkine, Kurz.

Apesar da consistência desses autores, suas argumentações confluíam para a tese de que as então Novas Tecnologias da Informação implodiriam a teoria do valor de Marx, reiterando, assim, o fim da centralidade do trabalho como categoria-chave

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

da sociologia e, por suposto, o paradigma da sociedade pós-industrial. Naquela altura, eu já havia me apaixonado por Marx, especialmente pelo capítulo V de O Capital, e não conseguia me persuadir com a ideia de que seria possível entender uma sociedade sem considerar o trabalho como ponto de partida de toda a vida social. Portanto, como categoria fundante para a análise sociológica, especialmente aquelas que se ocupam com as questões do trabalho. Tampouco me convencia a visão de que poderia existir capital sem mais-valor. E, menos ainda, a conclusão a que essas teses induziam, ou seja, que eu não vivia mais sob o capitalismo, mas em uma sociedade de serviços, onde a esfera da produção já não era mais a protagonista das transformações sociais e sim uma classe média com “consciência social” engajada em novos movimentos sociais na defesa de suas identidades; e justo no momento em que o capital projetava uma nova investida contra o trabalho. De novo eu me confrontava com o pós-industrialismo, agora disseminado nas Ciências Sociais como um novo consenso nas correntes pós-modernas, se revestindo de novas roupagens tais como sociedade da informação, sociedade da comunicação, sociedade em rede.

A única leitura que havia me oferecido um suporte para contestar as teses pós-modernas, foi A condição pós-moderna, de David Harvey, lançado no Brasil pela Loyola em 1992. Harvey trazia o inovador conceito de acumulação flexível, que reconectava essas mudanças com o mundo do capital e, portanto, do trabalho. As discussões de Harvey me deram um fio condutor, porém como graduanda ainda me faltava um cabedal de conhecimento capaz de me levar a compreender a extensão das suas teses na sociologia em geral, e na do trabalho em particular. Ademais, Harvey vinha da geografia, portanto, não trazia a centralidade do trabalho como uma questão central. Afinal, eu queria ser socióloga e, pois, fazer uma problematização sociológica.

Assim, eu ainda sentia falta de uma teoria que me vinculasse à tradição sociológica herdeira do pós-industrialismo, que era o problema que eu havia decidido

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

contestar. Eu costumava comentar sobre essa dificuldade com os meus professores, e um dia um deles me trouxe um paper de um seminário que ele havia participado na UNICAMP, achando que poderia ser de proveito para essa discussão. Foi a primeira vez que eu tive contato com um texto de Ricardo Antunes. Quando comecei a ler fiquei encantada. Todas as lacunas que faltavam para eu fechar o meu arcabouço metodológico e demonstrar a hipótese de que o trabalho jamais perderia centralidade para a compreensão da vida social, por mais que esta seja dominada pela tecnologia, eu encontrei naquele paper. Parecia que ele estava escrevendo para mim. Virou a bíblia do meu TCC, que então deslanchou, e definiu o resto da minha vida acadêmica, que estava só começando.

O TCC serviu de base para a elaboração de um projeto de mestrado. Queria ir para a UNICAMP conhecer a minha bibliografia principal, que eu sonhava que pudesse vir a se tornar o meu orientador. Foi quando eu estava escrevendo o projeto, em 1995, que o *Adeus ao trabalho?* foi publicado. Quando li, tive a grata surpresa de ver que aquele paper que havia sido basilar para o meu TCC e agora para o projeto de mestrado estava contido naquele livro. E o seu sucesso me fez perceber que a intuição que eu tive quando eu li aquele escrito pela primeira vez estava certa, ou seja, era uma obra paradigmática. Fiquei satisfeita por, ainda estudante de graduação, ter conseguido perceber a dimensão da sua importância.

Dentro de todas as ricas discussões que o livro trazia, defini a reestruturação produtiva como o meu objeto para o mestrado, que comecei em 1996. Conheci Ricardo no corredor da secretaria de pós, quando eu tinha ido pegar as cópias do meu projeto, deixadas para o processo seletivo. Venci a timidez diante do mestre para não perder o ensejo de me apresentar e lhe dizer o quanto ele tinha sido importante para o meu ingresso na UNICAMP. Ricardo recebeu a minha aproximação do jeito que ele é, uma pessoa extremamente gentil e acessível. Que abre portas não só pelas suas teorias, mas pela sua generosidade em acolher a todo/as que buscam sua orientação.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Imagine, então, a minha surpresa quando ele me perguntou se eu queria que ele lesse o projeto!

No semestre seguinte me matriculei na sua disciplina, quando tive a oportunidade de tomar contato com várias bibliografias novas e me aprofundar naquelas que eu havia lido através de Adeus ao trabalho?. Sobretudo, as releituras de O capital, que a disciplina trouxe, foram extremamente fecundas para o aprimoramento e fortalecimento da minha formação.

Lembro que quando eu fui pleitear a sua orientação no final de uma aula ele disse que no semestre seguinte iria passar um ano na Universidade de Sussex, no Reino Unido, como professor visitante. Pediu para eu pensar se eu me importava de ter uma orientação à distância e lhe dar uma resposta na próxima aula. Até hoje eu acho graça como eu fiquei ansiosa para chegar logo a semana seguinte para eu poder dizer a ele que claro que eu queria a sua orientação, e sem entender porque eu não respondi isto na hora.

Dali em diante tudo prosperou na minha vida acadêmica. Comecei a participar dos encontros do seu grupo de pesquisa, onde eu conheci muito/as colegas com quem dialogo até hoje e fiz grandes amizades, muitas das quais tenho o prazer de dividir a participação neste seminário. Fui aprovada em concurso público na UEL, em 1998, apenas com o exame de qualificação do mestrado, pois naquela época o Toyotismo aplicado à academia, que a temática da precarização do trabalho fez conhecer hoje como produtivismo acadêmico, ainda não havia chegado nas universidades.

Então recém concursada na UEL, os contatos e bibliografias trazidas da minha participação no grupo de pesquisa de Ricardo Antunes me propiciaram estabelecer uma rede acadêmica que me oportunizou desenvolver ricos intercâmbios institucionais no país e no exterior, através de várias parcerias e colaborações que resultaram em publicação de obras coletivas, coautorias em artigos e comunicação de eventos, participações em bancas. Parcerias que se sedimentaram e se expandiram,

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

especialmente, depois que concluí o meu doutorado, em 2004, também sob a orientação de Antunes, e ingressei no Programa de Pós-Graduação, quando pude começar a formar novas gerações de pesquisadore/as do trabalho a partir do seu programa teórico. E, mais recentemente, em 2013-14, no meu estágio pós-doutoral na Universidade de Hertsfordshire, Reino Unido, sob a supervisão de Ursula Huws, contato estabelecido igualmente pela preciosa mediação de Antunes.

Dentre essas várias parcerias institucionais que resultaram da minha inserção no seu grupo, destaco a colaboração na Rede de Estudos do Trabalho – RET de Giovanni Alves, desde a sua criação, e a participação sistemática nos seus Seminários do Trabalho, evento que Antunes sempre prestigiou e foi personagem principal por várias vezes. E das tantas parcerias que viraram amizades, além de Giovanni Alves, com quem eu costumava ficar horas no telefone compartilhando as angústias das nossas pesquisas de mestrado e doutorado, destaco, ainda: o meu colega da UEL Ariovaldo de Oliveira Santos (que me apoiou nos meus primeiros passos na carreira dentro da instituição), Vera Navarro (que virou a melhor amiga), Edilson Graciolli (e nossas discussões em torno das implicações das privatizações e dos estágios iniciais da reestruturação produtiva para os trabalhadores das nossas estatais), Jesus Ranieri (e da sua presença reconfortante na minha banca de defesa do mestrado), Sávio Cavalcante (com quem tive co-autoria no artigo do vol. I de Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil e em paper da ANPOCS), Henrique Amorim e Filipe Raslan (na parceria com a organização do meu primeiro dossiê sobre a temática do trabalho na revista do meu PPG), Ruy Braga (e o seu valoroso convite para escrever um capítulo no livro *Infoproletários*, que foi igualmente um marco para os estudos que se ocupam com o novo proletariado informacional).

Aproveito, aqui, para também render uma homenagem especial à **Filipe Raslan**, por tudo o que ele representou para este grupo, não só com suas pesquisas originais sobre as fábricas ocupadas e as novas formas de resistências dos

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

trabalhadores na atual onda de precarização do trabalho, mas, particularmente pelo seu inestimável coleguismo. Um “colegamigo”, sempre pronto a nos dar um ombro nas aflições com as conclusões de nossas teses e dissertações, nos ajudando também nos suportes técnicos necessários para a organização e disseminação das nossas pesquisas, e que alegrava tanto, com seu jeito leve e festivo, os nossos fóruns de encontro que, com ele, sempre terminavam com um sambinha e um violão. Filipinho se foi tão cedo e deixou um vazio neste grupo que jamais será preenchido e para sempre será lembrado, eternamente com o seu sorriso jovem e radiante. Sinto por nós que tivemos o privilégio de conviver com ele e, também, pela sociologia do trabalho brasileira, que perdeu um pesquisador tão criativo e promissor.

Falar de **Filipinho** me leva, por fim, à falar para a nova geração que agora está se formando em pesquisas do trabalho sob a tradição teórica inaugurada em *Adeus ao trabalho?*. Uma geração herdeira do **conceito ampliado de trabalho** legado das discussões originárias daquela obra, o qual contribuiu para a estruturação de um ferramental metodológico crítico adequado ao entendimento da complexa classe trabalhadora engendrada pelo capitalismo neoliberal. Tradição que pavimentou um sólido arcabouço teórico para o aprofundamento da categoria “trabalho”, alertando para a necessidade de distingui-la das noções de emprego como referência para avaliar as mudanças e permanências do atual mundo laboral.

Foi essa tradição que viabilizou o alargamento do leque dos setores a serem compreendidos nas problemáticas da precarização do trabalho, para além daqueles voltados à clássica temática do trabalho operário-industrial, permitindo direcionar o escopo de observação para outras formas de emprego, especialmente no *setor de serviços*, que é onde o trabalho precário mais avança. Ainda, para o aprimoramento de análises que incentivaram a delimitação de novos objetos e categorias de investigação, tais como: *precariado, nova questão social, trabalho imaterial, classe média, empreendedorismo, governança e políticas de geração de emprego e renda*,

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

novas formas de assalariamento, sindicalismo transnacional, legislação e reforma trabalhista.

Hoje esses novos olhares sobre o mundo trabalho, muitos semeados em Adeus ao trabalho?, transcendem o debate conceitual e frutificam também sobre formuladores e avaliadores de políticas públicas concorrendo concretamente para a busca de um desenvolvimento econômico que não prescindia do social e nem daqueles que efetivamente geram riqueza: a classe trabalhadora. Igualmente, ecoam nas atuais estratégias e práticas sindicais, possibilitando um combate qualificado para a manutenção de direitos laborais, assim como a sua extensão às novas ocupações oriundas das transformações organizacionais na grande empresa promovidas pela liberalização da economia.

É assim que a herança deixada em Adeus ao trabalho? ecoa nas mais variadas práxis que podem contraditar os discursos que, atualmente, tentam legitimar a nova onda de precarização do trabalho que veio na esteira do *golpe, com o recrudescimento das políticas de austeridade em sua faceta mais radical.*

Sem dúvida, o legado deixado por Ricardo Antunes a partir desta obra, e hoje plenamente consolidado e constantemente aprimorado pelas novas gerações de estudiosos do trabalho, se coloca como uma arma poderosa para o enfrentamento dos desdobramentos da atual crise econômica e política brasileira sobre as condições de vida e instituições representativas da nossa classe trabalhadora. Se hoje estamos mais instrumentalizados para responder a estes desafios, é porque Ricardo Antunes nos municiou com armas primordiais para enfrentar as novas lutas de classes que emergem desta conjuntura.

Obrigada Ricardo, e aos e às colegas aqui presentes, por estarem do meu lado nesta luta.

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Estudos do Trabalho

Ano IX – Número 23 – 2019

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

“Li Adeus ao Trabalho? com toda a atenção que ele merece. O problema de mudança na composição orgânica do capital, com as controvérsias que vem merecendo, preocupa, realmente, a todos nós. Detive-me nele, há tempos, quando havia em mim energia para isso. Em quase todas as línguas ocidentais, realmente, existe, hoje, extensa bibliografia a respeito. Atrás disso está a ideia singular de que a categoria trabalho está desaparecendo. É como aquela corrente que almeja uma sociedade em que só exista burguesia; sem proletariado. Gostei muito de seu livro. Ele é claro, objetivo, informado, indispensável aos que se preocupam com o problema. Parabéns cordiais: trata-se do mais importante livro na área de economia e política que apareceu aqui nos últimos anos. E ponha anos nisso.” (Nelson Werneck Sodré, 26 de maio de 1995)

- Era um contexto paradigmático em que as teorias sociais se colocavam dentro de uma tradição teórica que havia se divorciado da economia política, que marca as origens da sociologia, e, com isto, virado as costas para o mundo da produção. O eixo da desigualdade econômica, que tinha o trabalho como categoria central, foi deslocado em favor da diversidade cultural.